



UMA PROPOSIÇÃO ALTERNATIVA DE EFEITOS: A DIVERSIDADE NA INTERNET¹

Wilton Garcia²

RESUMO: O presente texto aborda a diversidade cultural/sexual na Internet ao considerar algumas proposições alternativas sobre a noção de efeito, em especial ao associar comunicação e tecnologia. Assim, investiga-se alguns enfrentamentos que a área da comunicação junto à cultura digital, tendo o efeito como estratégia discursiva em uma mensagem (hiper)midiática. Do ponto de vista da linguagem, são anotações que desdobram reflexões, conceitos e críticas, que relacionam sua extensão gerativa em um debate acerca da complexidade no contemporâneo. Para o desenvolvimento desta tarefa são apontadas flexibilidade e subjetividade como categorias críticas que implementam essa discussão. Diante de tais pressupostos, os estudos contemporâneos contextualizam e tratam a abordagem teórico-metodológica.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação; Efeito; Texto; Contemporâneo*

¹ Agradeço ao Grupo de Pesquisas Multidisciplinares em Tecnologias (GPMT) da Universidade Braz Cubas (UBC) pelo apoio no desenvolvimento deste texto, que faz parte da pesquisa atual: “Estudos Contemporâneos: Subjetividade, Corpo e Cultura Digital”.

² *Wilton Garcia* é artista visual, Mestre e Doutor em Comunicação pela ECA/USP e Pós-Doutor em Multimeios no IA/UNICAMP. Autor de *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos* (Thompson, 2005), entre outros.

É o tropo dos nossos tempos colocar a
questão da cultura na esfera do *além*.
(Bhabha, 1998: 19)

Com essa frase, o autor indo-britânico, Homi Bhabha inicia seu livro. Ele inaugura um modo de observar e considerar a diversidade, pois relaciona teoria crítica e prática política. Neste caso, a universalidade da informação solicita complementos.

Ao estudar a produção e a circulação da informação contemporânea, vale a pena pensar a diversidade cultural/sexual em uma perspectiva da Internet como mídia alternativa. Mais que um olhar humanista, trata-se de (re)configurar a dinâmica de produção e consumo diante da cultura digital, particularmente quando se observa as malhas (inter/trans)textuais que expressam proposições alternativas. Essa última refere-se à contaminação envolvente das chamadas mídias sociais em conjunto com a arquitetura de informação para otimizar a lógica flexível que agencia/negocia tal diversidade, ainda mais mediante a Internet e os produtos culturais brasileiros.

A partir dessas premissas, o presente texto aborda a diversidade cultural/sexual na Internet ao considerar a produção de conhecimento sobre a noção de efeito, a qual associa comunicação e tecnologia. Portanto, pretende-se registrar alguns aspectos socioculturais e políticos que coabitam a comunicação contemporânea, a fim de apresentar elementos circunstanciais que instrumentalizam uma leitura crítica sobre a atualização de tendências e conceitos entre mídia e mercado. Do ponto de vista da linguagem, são anotações que desdobram reflexões e relacionam sua extensão gerativa em um debate acerca da complexidade no contemporâneo.

Para o desenvolvimento desta tarefa são apontadas flexibilidade e subjetividade como categorias críticas, as quais implementam a discussão. Essas categorias inscrevem-se de modo diluído no desenvolvimento deste contexto e, com as quais, registram diferentes estados de apreensão, percepção e cognição de sentimentos, memórias, lembranças, imaginação de qualquer condição humana (Garcia, 2005).

Para ambientar a noção de efeito na criação estratégica da comunicação, a compreensão produtiva de um código efetiva estágios intermediários entre tais categorias. Flexibilidade e subjetividade, então, somam desafios crítico-conceituais.

Isso faz surgir olhares de “novos/outros” saberes na produção do conhecimento. A simbiose que equaciona esse movimento transversaliza um contingencial estratégico às informações do objeto/produto contemporâneo armado na arena da comunicação.

Dos Estudos Contemporâneos

A partir do discurso, o contemporâneo (sub)verte e transgride os cânones do sistema hegemônico dominante (*mainstream*), tendo em vista diferentes ações emergentes. Urge o deslizar dos objetos, das coisas. Trata-se de uma proposição efervescente, em discussão. Diante de tais pressupostos, os estudos contemporâneos (Bhabha, 1998; Canclini, 2008; Costa, 2004; Eagleton, 2005; e Maturana, 1997) contextualizam a abordagem teórico-metodológica para fomentar intercâmbios de pesquisas interdisciplinares nesta produção de conhecimento.

Embora, intercambiar, aqui, é muito mais que trocar informações, pois garante o deslocamento sistêmico de coordenadas, fazendo com que cada eixo, cada percurso, cada bifurcação articule a emergência de resultantes híbridas. Esses intercâmbios possibilitam um fluxo de informações que transitam em diferentes segmentos acadêmicos ou mercadológicos. Isso só é possível com um pensamento contemporâneo capaz de articular aberturas necessárias para essas trocas, (re)configurações e/ou intercâmbios feitos em (com)partilhamento de idéias e soluções criativas.

Os estudos contemporâneos aproximam as novas tecnologias digitais e os estudos culturais para constituir uma “nova/outra” atualização de elementos técnicos, estéticos e éticos, marcadamente pelo viés sociocultural e político (Eagleton, 2005). Portanto, esses estudos procuram ampliar os estatutos conceituais e críticos que possam suturar cultura e representação, a partir da linguagem.

Na fruição entre cultura e representação, a linguagem instaura-se para sistematizar a manifestação do artefato e sua ambientação na ordem enunciativa, cuja compreensão de efeito (tecnológico, por exemplo) converge-se em um processo dinâmico, flexível e mutável. A linguagem, aqui então, ultrapassa a perspectiva da comunicação no mercado para dar lugar a outras possibilidades criativas que também exploram arte, design e moda, em sua máxima de atualização.

Isto é, atualizar e muito mais que inovar, atualizar requer observar as novas tecnologias digitais, cujas (inter)mediações formalizam avatares que proclamam as condições adaptativas dos dispositivos pautados pelo objeto/produto em uma (re)dimensão representacional. Atualizar traz o novo, quando se aposta em “novas/outras” soluções criativas que ressaltam uma dinâmica eficaz, do ponto de vista comunicacional e tecnológico.

A Tecnologia

É preciso pensar as diretrizes que anunciam o contemporâneo na dinâmica da comunicação acompanhada dos avanços tecnológicos. O intenso leque de transformações se insere na cultura digital. As transformações providenciadas pelas tecnologias emergentes inscrevem um vasto estado de possibilidades criativas, em que reconduzem desafios contundentes.

Neste bojo, fico atento às “novas/outras” proposições alternativas que as tecnologias elencam. Investigo estratégias discursivas que enunciam essas transformações, uma vez que lido com questões técnicas, estéticas e éticas sobre a criação. Como professor e pesquisador da área de ciências humanas invisto o pensar sobre arte, comunicação e/ou design. No entanto, observo as matizes entre imagens e textos e suas possibilidades ambivalentes.

Certas transformações inscrevem as atualizações que a cultura digital faz e influencia mudanças estruturais e/ou conceituais. Com a implementação das tecnologias, a expressão do código se (re)traduz na esteira de uma assinatura (hiper)midiática de qualquer idéia, agora, pautada pela condição adaptativa de hipertextos. Diante da atualização desse espaço hipermidiático, o código (verbal, não-verbal, sincrético) emerge-se como tema recorrente de desafios e debates crítico-conceituais, visto que a escrita (inter/trans)textual confronta-se com os efeitos da imagem e do som, por exemplo.

Imagine, hoje, a articulação do código ao (re)implementar a informação?!

O pensar humano estratifica e sobrepõe a expressão de uma ideia em composição textual – e seu referencial discursivo –, cuja experiência, nessa empreitada, programa uma lógica representacional da informação. Os modos de produzir, armazenar

e transmitir informação estendem a proposição do efeito como agenciar/negociar estados híbridos (Canclín, 1998), cujo apelo discursivos, estrategicamente, deve tomar a tônica impactante de enfrentamentos entre flexibilidade e subjetividade.

É diante da incomensurabilidade tempo-espaço que natureza e cultura (natural e artificial) operacionalizam complexidades, fazendo deslocar parâmetros reguladores de elementos tecnológicos: aquilo que extrapola a enunciação das mídias digitais. Nota-se que a referência de tempo material (real) é diferente do tempo imaterial (virtual), pois ambos entoam a cronologia entre corpo, linguagem, tecnologia e mundo.

Essas quatro possibilidades formam uma extensão gerativa de discurso complexo e sistematizado. Elas (com)partilham flexibilidades e subjetividades que ressaltam (inter)mediações contemporâneas. Neste sentido, o contemporâneo aflora expectativas conceituais e críticas, cujos mecanismos elaboram uma leitura circunstancial que a(di)ciona a tecnologia.

Delimitada pela expressão discursiva do objeto estendido, a referência transitória serve como parâmetro para a elaboração criativa de novos projetos criativos em arte, comunicação e/ou design, sobretudo com as malhas da cultura digital. A rede mundial de computadores, por exemplo, convoca o usuário/interator para realizar uma visita virtual na Internet – a seguir no próximo tópico.

Pensar essas questões é tentar provocar um exercício reflexivo sobre as esteiras diversificadas do contemporâneo. Com efeito, prefiro argumentar a predicação propositiva que as tecnologias (re)estabelecem na percepção que destaca o criativo.

Da técnica manufatureira à compreensão simbólica da máquina há um território fértil e tenaz que coabita eixos discursivos de deslocamento, mutabilidade, interatividade, interface, inconstância, conectividade, entre outros. O lugar da representação – assim como da tecnologia – se vê/lê permeado de uma atmosfera instável, relacional. Indicadores flutuantes (como fórmulas, tendências) (re)condicionam uma síntese conceitual e crítica da exaustão do objeto/produto, o que se inscreve em sua instância tecnológica digital.

Portanto, torna-se possível verificar a organização da trajetória de um movimento de acoplagem que (inter)media o campo de (dis)tensão relacional da tecnologia contemporânea com a vida. A acoplagem implica aproximar e distanciar os

elementos circunstancialmente, quando necessário o for – entre inovação e atualização da informação por alternativas.

A Internet

Aqui investigo uma perspectiva de Internet como mídia alternativa. A vida digital, metaforicamente exposta pela Internet, transcreve uma informatização, em que os dados são medidos por numerais – código binário 0 e 1. Neste caso, é crescente o número de pessoas que usam a Internet para várias atividades, tais como: comunicar, pesquisar, brincar, comprar etc.

Muito mais que modificar o cotidiano do internauta, tais transformações tornam-se imperativos, ditando um modo de viver diferenciado. Por onde possa navegar o devir, o prazer e o deleite, neste ambiente (inter)subjetivo equacionam-se impressões sobre a cultura digital. Neste bojo, a tecnologia inscreve-se como instrumento facilitador da experiência de acesso, com criatividade.

As transformações feitas pela hipermídia articulam-se perante da arquitetura virtual e do espaço imersivo da Internet. Uma cartografia labiríntica aciona vestígios instrumentais, em que o deslocar do usuário/interator se faz por navegação e interatividade na cibercultura. Ao que parece, na cibercultura, essas transformações tecnológicas obtêm uma dimensão (i)material do objeto na configuração do hibridismo cultural, característico da sociedade contemporânea. O estado híbrido mistura a informação de modo seletivo: em um exercício, contingencial, (dis)juntivo. O ciberespaço, também, abre debate para o usuário/interator articular suas necessidades e seus pontos de vista sobre a própria tecnologia emergente.

A utilização da Internet forma um território de recursos técnicos, estéticos e éticos a ser investigados, conceitualmente, junto aos parâmetros emergentes da cultura digital. Neste caso, observo a implantação – para não dizer atualização – da Internet banda larga (IBL), de acordo com a considerada Web 2.0. Essa implantação atualizadora representa um avanço no desenvolvimento tecnológico da linguagem comunicacional, uma vez que remete à criação e renovação de conceitos, métodos, ferramentas, dispositivos entre outros.

Também equivalem as impressões técnicas, estéticas e éticas do ponto de vista cognitivo, expostas pela IBL. Trata-se de uma base tecnológica diferenciada, com destaque para as novas mídias e as redes de interatividade. Isso estabelece maior fluxo dinâmico de informação e comunicação, capaz de aprimorar valores enunciativos de síntese, simultaneidade, velocidade etc. A IBL fomenta uma parcela significativa de armazenamento e envio de informação (som, imagem, texto) com maior grau de compactação e qualidade de transmissão. Longe de qualquer julgamento de valor, isso gera uma amplitude de resultado, sofisticação, bem como maior disposição imersiva do ponto de vista da navegação para (re)produzir informação. Também, ativa e acelera, ainda mais, o contexto da cultura digital.

Ela, a IBL, inaugura uma experiência hipermidiática, cujos parâmetros cognitivos são reiterados pela inovação da proposta discursiva atenta às atualizações dos comandos tecnológicos.

John D.H. Dowing afirma:

A Internet representa uma nova era para a mídia alternativa. Sendo uma infra-estrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombina uma série de formatos de mídia e atores sociais, permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até então inédita (Dowing, 2002: 270).

7

E complementa:

A Internet pode vir a ser nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode torna-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. E é o primeiro veículo que oferece aos indivíduos coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto, as possibilidades técnicas da Internet como esfera pública são ilimitadas (Idem: 270-1).

Com o desenvolvimento da Internet muda-se o estatuto da informação contemporânea. Neste ambiente, observa-se uma escritura sem muita profundidade, a qual demonstra, de modo ágil, idéias fragmentadas. Um leque de estratégias discursivas sobressaltam o universo *on line*, cujas trocas de informação destacam-se por essa gama

de variantes. Na rede mundial dos computadores, chats, sala de bate-papo, twitter, msn, orkut ampliam e constituem o humano.

Novas possibilidades facultam o uso e a função da Internet ao esboçar a qualidade inventiva de conexão, interatividade, mutabilidade, navegabilidade entre outros. Temas como rapidez, velocidade e fruição são recorrentes na Internet, sobretudo com o advento da banda larga. A informação na Internet, por exemplo, deve ser sintética para ser reconhecida como proposta eficiente. A contextualização desta síntese entrecruza os diálogos entre imagens, textos e sons – uma ambientação sincrética, para não dizer hipermediática.

Nas paginas da web, qualquer escritura deve se acomodar com a imagem que ilustra; e ainda mais com a Internet banda larga, acomoda-se também a expressão criativa de um texto acompanhado de áudio. Diferentes códigos (inter)semióticos de uma mensagem (re)configuram a leitura mais crítica do usuário/interator sobre a informação – para além da forma e do conteúdo.

O Efeito

8

Aquilo que se desloca por estranhamento pode ser efeito. Ou melhor, aquilo que provoca um determinado mal-estar, também, pode ser efeito. Mais ainda, o que deixa inquietações, sobretudo quando articulado por artimanhas ou estratégias. Isso sim pode ser dimensionado pela questão do efeito – o que move!

Sendo assim, esta proposta tece considerações embrionárias do que possa vir a ser pesquisado como noção de efeito, cujos parâmetros atinam reações que substancialmente são inscritas por uma ação de feito. Trata-se de pequenas anotações que desdobram reflexões conceituais e críticas e relacionam sua extensão gerativa de um debate acerca da complexidade contemporânea no campo da comunicação. Neste sentido, chamo atenção às intervenções da cultura digital.

Os enfrentamentos articulados pela área da comunicação reiteram a noção de efeito como estratégia discursiva de uma mensagem (hiper)mediática. Instauram-se mediações entre a ideia e sua expressão codificada, cujo objetivo é propor um deslocamento impactante. A expressão de uma idéia e sua extensão gerativa deve se adaptar ao desenvolvimento de efeitos, em que a compreensão das qualidades inventivas

da representação requer (re)pensar a incomensurabilidade de seus sentido, ainda mais no contemporâneo.

Nota-se que a noção de efeito registra-se com o desenvolvimento de uma leitura crítica sobre as articulações estratégicas da instantaneidade da informação, que (re)conduz a atualização de uma representação. Dito de outra forma, o efeito formula-se pela emergência do traço comunicacional que pode ser ativado pela estratégia da informação. Grotesco, impactante, estimulante, envolvente, ácido, surpreendente.

É fato que, o efeito, estrategicamente, convoca a ruptura e/ou o deslocamento da informação em um estágio de (re)adequação discursiva. Sua singularidade se (re)produz por um processo criativo com resultante diferenciada, que instiga a observação. Neste contexto, o efeito expõe estrategicamente sua potência discursiva: “mexe” com o outro.

Na dimensão fantasmática de uma possível teoria do efeito das enunciações contemporâneas desdobram-se duas categorias críticas: flexibilidade e subjetividade. Enquanto flexibilidade possibilita o (des)envolvimento que reitera a ação investigativa sobre o efeito no ato (comunicacional), a subjetividade inscreve elementos circunstanciais para além dos enfrentamentos que incorporam uma perspectiva objetiva.

9

Neste bojo, o código hipermediático, agora, pauta-se pela brevidade dos efeitos e sendo assim, cada vez mais, as coisas perdem o sentido em razão do efeito. Mais que isso, o efeito em um código implementa e aguça o impacto da informação no contemporâneo, visto que competência e vitalidade pode (re)direcionar a natureza informacional. A natureza contemporânea exhibe uma prerrogativa intensa de criatividade para se pensar o campo interdisciplinar da comunicação, ainda mais na esfera das mídias sociais como a Internet e sua proposição alternativa.

A Diversidade

De que modo a diversidade cultural/sexual surge na Internet?

Tomo a diversidade cultura/sexual, neste caso, para fluir a materialidade de um discurso estratégico. Como se (re)configuram as múltiplas e contraditórias representações identitárias de gênero e sexualidade relativas tanto ao feminino quanto ao masculino no amplo espaço informacional dessa diversidade atualmente?

Entre tribos e ritmos distintos, aqui, privilegio a diversidade cultural/sexual. Uma poética de alteridades enfatiza diferença e diversidade. São alternativas necessárias de alternâncias: o que é plural e se multiplica em estratégias discursivas.

Isso se faz no rebento tenaz em que se pauta a delimitação do objeto/produto, em subversões e transgressões, como ato inventivo contemporâneo. Na lógica dessa diversidade, uma escritura refina e sugere poeticamente afeto, encontro, despedida, desejo, erótica, sensualidade, sexo, etc. São as relações humanas pela/na Internet.

Trata-se de uma articulação entre o Eu e o Outro. Esse último supostamente parece se tornar “semelhante”, quando passa a convergir pontos distintos, que podem ser complementares ou opostos. O estado da diversidade legitima a existência/essência do Outro. A referência que se deve ter do Outro serve de parâmetro, para que ele também se tenha de mim – como o reflexo do espelho. O protagonismo sociocultural e político se aproxima do desejo – longe de qualquer vertigem.

Nota-se que a diversidade cultural/sexual em uma perspectiva da Internet como mídia alternativa evoca substratos de uma (re)dimensão sociocultural e política. Vide no Brasil, em especial a cobertura jornalística (cultural, mercadológica, midiática e política) da Parada do orgulho Gay – ver www.mixbrasil.org.br, www.gonline.com.br, ou ainda, www.mundomais.org.br. Enquanto mídia especializada, estes websites brasileiros enfocam a segmentação – em alta – do mercado cor-de-rosa (*pink money*).

Considerações Finais

Hoje, a idiossincrasia da diversidade diz respeito à variedade e à convivência de ideias e ideais: são características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto ou tema. Isso requer eixos, cada vez mais, amplos de variantes, porque é do confronto de diferentes posicionamentos que surgem “novos/outros” resultados. Um adeus à inércia com essa dinâmica é potencial de múltiplas combinatórias em sua pluralidade: o que consegue elencar e abarcar uma máxima expressão de edificar um pensamento não-assentado à deriva. A diversidade na rede mundial é assim!

No contemporâneo surge um mundo de possibilidades, longe de uma ação reguladora, normativa do sistema hegemônico (*mainstream*, como tendência predominante) que proporia barrar, castrar, diminuir, eliminar, excluir. As chamadas

mídias sociais – observadas como propostas alternativas – contribuem para uma reflexão eloquente, que questiona o que é ser parte de qualquer padrão dominante. A expectativa é tentar melhorar a performance na Internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLIN, Nestor. Garcia. *Culturas híbridas*. Trad. de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura – corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DOWING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Trad. de Silvana Vieira. São Paulo: Senac, 2002.
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson, 2005.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e forma – ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. João Cezar de C. Rocha (org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Trad. de Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.